

## Samba da Ciência

JOÃO LAET



**MUSEU NACIONAL** Laboratórios de Antropologia, Geologia, Paleontologia e Botânica se transformaram em cenário para os ensaios técnicos da Imperatriz

## > Em tempos de cortes na pesquisa, Imperatriz leva para a Sapucaí legado do Museu Nacional. Comunidade acadêmica estará na Avenida

**ELISA MONTEIRO**

elisamonteiro@adufrrj.org.br

**A**bram alas, a Ciência vai desfilhar. O Museu Nacional, que completa 200 anos em 2018, será homenageado na Marquês de Sapucaí pela Imperatriz Leopoldinense.

“O Museu Nacional é a casa da ciência. Botânica, Antropologia, Mineralogia — hoje Geologia —, Zoologia e Astronomia nasceram aqui. Todas as instituições científicas brasileiras estão representadas nesse carnaval”, afirma Regina Maria Dantas, historiadora e uma das colaboradoras da universidade com a verde e branco de Ramos.

Para a historiadora, num momento de cortes de pesquisas e bolsas, o enredo sobre a Ciência no Brasil pode ampliar a visibilidade internacional da pesquisa

brasileira, já que o espetáculo é visto no mundo inteiro.

A ala da Comissão Científica da Imperatriz, que abre o desfile, foi majoritariamente composta pela UFRJ, e foi preciso abrir mais uma. Pesquisadores da Fiocruz e do Instituto Pasteur, da França, também participarão.

O responsável pelo departamento cultural da Imperatriz, André Bonatte, destaca o diálogo com a UFRJ e o respaldo do Museu no processo: “Conviver com o olhar apaixonado de quem trabalha lá é algo que não pode ser negligenciado. Não existe Carnaval sem paixão”.

Quinze sambas entraram na disputa, e o resultado final agradou: “O samba diz que o Museu ganha vida à noite, percorre a pesquisa, os laboratórios e as exposições atuais. O desfile fecha com as pipas de meninos da Quinta da Boa Vista e contempla o papel social do local”, conta

Renato Ramos, vice-diretor do Museu.

O enredo relembra atrações do Museu, como aves, cristais e sarcófagos e jardins. Na opinião de Ramos, a grande homenageada é a memória popular. “O Museu faz parte das lembranças das crianças do século XIX, XX e XXI”, justifica. Além do legado simbólico, Ramos fala em projetos futuros, como um espaço para a exposição das fantasias.

A homenagem injetou energia nas comemorações do bicentenário do Museu. “É emocionante ver a tradução lúdica e popular não apenas do Museu, mas do Palácio e da Quinta”, observa a diretora Cláudia Rodrigues-Carvalho, para quem o Museu é um lugar associado à infância do carioca. “Nossa expectativa é estarmos ainda mais próximos à população, principalmente, do entorno que não teve acesso à Ciência e à universidade”.

# Destinos transformados pelo Sisu

> **Depoimentos mostram que sucesso do modelo depende de políticas de assistência estudantil**

FERNANDA DA ESCÓSSIA  
fernanda@adufjrj.org.br

**C**açula de quatro irmãos, Thiago Lopes, de 28 anos, levará para casa este ano o primeiro diploma universitário da família, de engenheiro mecânico. Ele entrou na UFRJ em 2013 pelo Sisu, na última vaga do sistema de cotas, depois de vestibulares malsucedidos. Na UFRJ, ele recebe auxílio de R\$ 610, além da bolsa de monitoria. “Sem isso, eu não me formaria”, diz Thiago, que foi um dos melhores alunos da turma.

Na semana passada, o boletim da Adufrj mostrou pesquisa do superintendente de Registro e Acesso da UFRJ, Ro-

berto Vieira. Segundo o estudo, a evasão aumentou 20% desde a entrada da UFRJ no Sisu. A evasão primária (quando o aluno é aprovado na primeira chamada, mas não se matricula) chegou a 85% no segundo semestre do ano passado. A falta de condições financeiras e o medo da violência respondem por cerca de 40% dos motivos da desistência.

## CURSOS TENTAM REDUZIR EVASÃO

Com isso, uma das grandes vantagens do Sisu – a democratização do ensino, permitindo que o aluno de baixa renda dispute vaga em universidades de elite – esbarra na dificuldade de segurar o estudante. A UFRJ oferece bolsas a 6.351 alunos, um aumento de 50% des-

de 2012. Há outras ações de assistência, como transporte, restaurante universitário, moradia e suporte acadêmico. No alojamento vivem 232 alunos, mas, segundo a própria reitoria, seriam necessárias de 550 a 600 vagas.

Hannah Luz, 25, filha de um catador de material reciclável em Mangaratiba, diz que sem o Sisu não entraria no curso de Gestão Pública. Conseguiu vaga no alojamento, mas o incêndio de 2017 obrigou a universidade a realocar os alunos. Hoje recebe R\$ 1.050 para moradia e vive na casa de amigos, ajudando nas despesas. “Fiz vestibular, mas nunca passei. Só entrei pelo Sisu, como cotista. O apoio da universidade é fundamental para o aluno”, afirma.

Alguns cursos criaram projetos para reduzir a evasão. Professora do Instituto de Ciências Biomédicas, Tatiana Sampaio lembra que, no curso de Ciências Biológicas (modalidade médica), voltado para pesquisa, os professores perceberam nos alunos interesse por uma formação mais profissionalizante, com acesso rápido ao mercado de trabalho.

A solução encontrada foi oferecer uma ênfase em análises clínicas, capacitando o aluno para trabalhar em laboratório. “Como surgiram cursos novos, muitos alunos entram sem saber direito o que é cada um. A universidade tem que estar atenta a isso, além de melhorar políticas de assistência, inclusive os alojamentos”, afirma ela.

KELVIN MELO



## OS PARADOXOS DO SISTEMA

ERICKSSON ROCHA E ALMENDRA

Ex-Diretor da Escola Politécnica  
Ex-Superintendente Geral de Políticas Estudantis

■ A mim não restam dúvidas de que as razões pelas quais desde o início apoiiei o Sisu foram plenamente atendidas, num exemplo de sucesso de políticas públicas.

Basta observar a existência de negros nas salas de aulas dos cursos mais demandados da UFRJ e, ainda, as dificuldades no dia a dia enfrentadas por muitos de meus alunos para os quais, por exemplo, um remarcar de prova passa por critérios de recursos para virem ao campus num dia não previsto. As salas de aula, ainda falta muito mas, são hoje muito mais representativas de nossa sociedade. Há que ser assim numa instituição pública.

Também ouço, satisfeito, uma multiplicidade de sotaques em minhas salas de aula. A UFRJ deixou de ser uma “universidade regional”, atendendo quase que exclusivamente à população do Grande Rio, para ser a Grande Universidade Pública do Brasil. Hoje, selecionamos nossos alunos entre os melhores de todo país. Isso é obrigatório para uma instituição que pretende, é minha visão, formar a elite acadêmica do país, da nação. É assim em todos os grandes países do mundo, é assim, agora, no Brasil: os melhores alunos vão para as melhores instituições.

Entre tantos sucessos, não há como deixar de apontar que o sistema trouxe também um grande problema. O

## Ouço, satisfeito, uma multiplicidade de sotaques em minhas salas de aula

sistema de preenchimento das vagas é ineficiente, o número de faltas nas primeiras chamadas é muito alto; são necessárias múltiplas, seis a oito reclassificações e ainda assim temos vagas não ocupadas. Vagas ociosas são inadmissíveis numa instituição pública.

A perversidade está em imaginar que um aluno recém aprovado no Enem, com boa pontuação, opta imediatamente, no Sisu, pelas melhores universidades, vindo depois a ponderar, com a família, não haver como sustentar-se em outra cidade, outro Estado. O sucesso de possibilitar o acesso desses bons alunos não foi acompanhado de uma política de Assistência Estudantil minimamente compatível. Não há recursos para bolsas de assistência ou residências estudantis em número minimamente compatível. Perdemos bons alunos e, pior, acrescentamos uma frustração em suas vidas.



## FOI O DIA MAIS FELIZ DA MINHA VIDA

RAQUEL DOS SANTOS SILVEIRA

20 anos, aluna do sexto período de Fonoaudiologia na UFRJ

■ Nunca me senti tão feliz como no dia em que vi meu nome na lista de aprovados na UFRJ. Foi a maior alegria do mundo.

Entre na UFRJ na cota de escola pública, raça e renda. Vim do Maranhão, onde morei com minha avó dos 2 aos 17 anos. Meus pais foram assassinados porque se envolveram com o tráfico de drogas em Brasília.

Fiz o Enem de 2014. Se ficasse no Maranhão eu ia só trabalhar, sem fazer faculdade. Como queria estudar, vim pra cá, morar com umas tias. Elas não me conheciam, mas me aceitaram. Morei com uma tia, depois fui para a casa de outra.

Eu queria Engenharia de Petróleo, mas minha nota não deu. Escolhi Fonoaudiologia, porque a nota dava para entrar, pensando em depois fazer mudança de curso. Entrei na segunda chamada.

Pedi apenas a bolsa de auxílio e permanência, de R\$ 610, mas não auxílio-moradia. Mas a situação foi piorando, minha tia é exigente e, com a faculdade, não consigo fazer essas coisas de casa. O curso é integral, tem o laboratório... A gente sentou e conversou, estabeleceu coisas. Agora ela disse que não posso mais ficar lá durante o fim de semana.

Às vezes fico de favor na casa dos amigos. Não tenho como pagar aluguel, comida, passagem... Faço estágio

ELISA MONTEIRO



## Se ficasse no Maranhão eu ia só trabalhar, sem fazer faculdade. Como queria estudar, vim para cá

no laboratório de Biologia da Matriz Extracelular, numa pesquisa para desenvolver um ambiente que diminui a proliferação de células do câncer de mama. Pensei em dormir no laboratório, mas uma professora ficou com pena, acho, e me chamou para ficar nos fins de semana na casa dela, por enquanto.

Penso em ser cientista. Gosto da área hospitalar, de ajudar as pessoas a se alimentarem. Gosto muito da pesquisa aqui no laboratório e tenho vontade de ser professora.

Uma das coisas que a faculdade tem aberto para mim, além do conhecimento, é conseguir ter um dia um lugar para morar. Ter um emprego, uma casa, conquistar uma vida. No dia em que eu tiver minha casa vai ser o segundo dia mais feliz da minha vida. O primeiro será sempre o dia em que entrei na UFRJ.

# Escola de Belas Artes encanta Sapucaí

> **História da EBA embala samba da São Clemente. Professores e alunos ajudaram na produção de alegorias e fantasias do desfile**

ISABELLA OLIVEIRA (estagiária)  
isabella@adufrrj.org.br

**E**m 200 anos de história, a Escola de Belas Artes formou grandes nomes das artes brasileiras — entre eles, Portinari, Dorival Caymmi e Oscar Niemeyer. Em 2018, a São Clemente leva para a Sapucaí o legado artístico e a história da escola, que formou grandes nomes do Carnaval, entre eles Fernando Pamplona, Maria Augusta, Rosa Magalhães, maior campeã de desfiles no Sambódromo.

A relação da EBA com o carnaval é antiga: nos anos 60, Pamplona, ex-diretor da escola, levou para os desfiles do Salgueiro métodos e temas novos, como os enredos afro. “O método das escolas se sofisticou depois que os conhecimentos da academia adentraram os barracões”, afirma Jorge Silveira, carnavalesco que assina o desfile da agremiação amarela e preta.



**ABRE-ALAS** Minerva, símbolo da UFRJ, inicia desfile. Carnavalesco Jorge Silveira é ex-aluno da EBA

Para Silveira, a relevância do enredo “Academicamente Popular” é retratar a academia em uma das maiores manifestações culturais de rua. “É fundamental cumprir o legado social e histórico de uma escola de samba de contribuir para a cultura da cidade. A proposta é quebrar barreiras, esse muro que separa a universidade do povo”, afirma.

Formado no curso de Educação Artística da Escola de Belas Artes, o carnavalesco foi convidado pelo presidente da São Clemente e aceitou de imediato. “Todo mundo que passa por lá não tem como não ser tocado pela instituição. Tenho uma dívida de gratidão com a Escola. Esse carnaval é movido por gratidão e amor”, diz.

Madalena Grimaldi, diretora da EBA, participou do processo de criação do desfile. “Para nós, é lindo e superempolgante, pois estamos numa situação muito complicada desde outubro de 2016”, diz, referindo-se ao incêndio que acometeu boa parte da EBA naquele ano. “A gente espera que seja uma forma de chamar atenção para o atual problema da falta da sede”, afirma. Na avenida, uma escultura vai lembrar o incêndio.

Cerca de 200 pessoas, entre estudantes e professores, participarão do desfile, no próximo domingo (11). “A última ala representa a EBA hoje, e os alunos e professores pintaram as fantasias, com tema livre”, conta Madalena, que elogia a dedicação do carnavalesco ao enredo.



## DE OLHO NA PREVIDÊNCIA

■ A diretoria da Adufrj irá acompanhar a votação da Reforma da Previdência em Brasília e participará de manifestações contra a aprovação. Os diretores solicitaram audiência com os presidentes da Câmara e do Senado, com o presidente da CPI da Previdência e com os parlamentares da bancada do Rio de Janeiro. Em todos os encontros, a diretoria da Adufrj manifestará sua preocupação e seu descontentamento com o impacto da reforma na Universidade.

## NOTAS

### SEM RESPOSTA

■ Já se passaram 30 dias, e a reitoria da UFRJ ainda não retirou a faixa assinada pelo Andes da frente do Canecão. A faixa convoca greve geral e foi instalada há mais de dois meses. Em ofício ao reitor, datado de 9 de janeiro, a diretoria da Adufrj solicitou a retirada da propaganda. A professora Maria Lúcia Werneck, presidente da Adufrj, argumenta que o conteúdo da publicidade agride a plataforma da atual diretoria, eleita pela maioria dos professores da UFRJ.

### CAOS NO CT

■ O prédio do Centro de Tecnologia ficou sem energia no último fim de semana, e provas do concurso público da UFRJ foram adiadas. Na sexta-feira, 9, não haverá expediente em todo o prédio por falta de luz. De acordo com Decania, a Light exigiu o desligamento da energia para concluir obras. Outro problema constante é a oscilação da internet. A rede caiu várias vezes nas últimas semanas, causando transtornos para a comunidade acadêmica.